

O Gramsci de todos

El Gramsci de todos

Gramsci for everyone

Francesca Chiarotto * 

* Università degli Studi del Piemonte Orientale (UPO)

Como citar: CHIAROTTO, Francesca. O Gramsci de todos. Revista **HISTEDBR On-line**, v.26, p. 01-18. 2026.

Resumo

O ensaio traça as primeiras ações empreendidas por Palmiro Togliatti, secretário do Partido Comunista Italiano durante os primeiros vinte anos da República Italiana (1944-1964), com o objetivo de garantir a recuperação — a começar pela material — do patrimônio cultural (principalmente as cartas e os cadernos redigidos durante o período de detenção) e político de Gramsci. Togliatti empenha-se para que esse precioso legado, por meio de publicações oportunas e criteriosas, se torne a base e o instrumento essencial para a construção do “Partido novo”, um grande partido de massas que una, além da classe operária, intelectuais, camponeses, classes intermediárias e todas as camadas populares. A função pedagógica e educativa do partido, extremamente relevante também na visão de Antonio Gramsci, era considerada prioritária e se concretizava por meio da divulgação de revistas, publicações, organização de seminários, envolvimento dos intelectuais, discussões nas seções, escolas para quadros, etc. A ação cultural e política de Togliatti nessas fases iniciais permitiu que o PCI se tornasse, em 1976, o maior partido comunista do Ocidente e que Antonio Gramsci fosse incorporado à cultura italiana a ponto de se tornar “um clássico”.

Palavras-chave: Palmiro Togliatti. Antonio Gramsci. Palavra-chave. Palavra-chave. Palavra-chave. Palavra-chave.

Resumen

El ensayo repasa las primeras medidas emprendidas por Palmiro Togliatti, secretario del Partido Comunista Italiano durante los primeros veinte años de la República Italiana (1944-1964), destinadas a garantizar la recuperación —empezando por la material— del patrimonio cultural (en primer lugar, las cartas y los cuadernos escritos durante su encarcelamiento) y político de Gramsci. Togliatti se comprometió a que ese valioso legado, a través de publicaciones oportunas y acertadas, se convirtiera en la base y el instrumento esencial para la construcción del «Partido nuevo», un gran partido de masas que uniera, además de a la clase obrera, a intelectuales, campesinos, clases intermedias y todos los estratos populares. La función pedagógica y educativa del partido, extremadamente relevante también en la visión de Antonio Gramsci, se asumió como prioritaria y se llevó a cabo mediante la difusión de revistas, publicaciones, la organización de seminarios, la participación de los intelectuales, los debates en las secciones, las escuelas para los cuadros, etc. La labor cultural y política de Togliatti en estas primeras etapas permitió al PCI convertirse, en 1976, en el mayor partido comunista de Occidente e integrar a Antonio Gramsci en la cultura italiana hasta convertirlo en «un clásico».

Palabras clave: Palmiro Togliatti. Antonio Gramsci. Palabra clave. Palabra clave. Palabra clave.

Abstract

This essay traces the very first steps taken by Palmiro Togliatti, Secretary of the Italian Communist Party during the first two decades of the Italian Republic (1944–1964), aimed at ensuring the recovery—beginning with the material aspects—of Gramsci’s cultural (primarily the letters and notebooks written during his imprisonment) and political legacy. Togliatti worked to ensure that this precious legacy, through appropriate and judicious publications, would become the foundation and essential tool for building the “New Party,” a great mass party that would unite not only the working class but also intellectuals, peasants, the middle classes, and all segments of the populace. The party’s pedagogical and educational function, which was also of paramount importance in Antonio Gramsci’s vision, was treated as a priority and was carried out through the distribution of journals and publications, the organization of seminars, the involvement of intellectuals, discussions within local branches, schools for cadres, and so on. Togliatti’s cultural and political efforts during these early stages enabled the PCI to become, by 1976, the largest communist party in the West and to establish Antonio Gramsci in Italian culture to the point of making him “a classic.”

Keywords: Palmiro Togliatti. Antonio Gramsci. Keyword. Keyword. Keyword. Keyword.

No ensaio apresentado, nota-se como o legado cultural e político de Antonio Gramsci é considerado por Palmiro Togliatti, que sobreviveu ao companheiro de estudos e de lutas exercendo o cargo de secretário do Partido Comunista Italiano na fase republicana até a sua morte (1944-1964), e se torna a base e o instrumento essencial para a construção do “Partido novo”. Este partido asseguraria aos seus filiados uma função dirigente na vida nacional, sendo um grande partido de massas, profundamente ligado não apenas à classe operária, mas também aos intelectuais, aos estratos intermediários, às mulheres, a todas as camadas populares, incluindo os desempregados. A função pedagógica e educativa, que aliás tinha sido também a característica marcante da vida e da ação política de Antonio Gramsci, foi assumida como prioritária através da divulgação de revistas, da organização de seminários e do envolvimento dos intelectuais e acadêmicos italianos mais notáveis de todas as disciplinas, não exclusivamente orgânicos ao Partido.

Em um volume de 1971 dedicado a Gramsci na vida cultural e política italiana, Giorgio Amendola¹, um dos dirigentes comunistas mais notáveis, escrevia:

Em 1931, eu era um jovem funcionário ilegal do partido, e Togliatti, em Paris, mandou-me ir a Cambridge. Para mim, foi uma grande emoção conhecer aquele centro de estudos, encontrar jovens acadêmicos que mais tarde se tornaram professores notórios [...]. Sraffa deu-me o pacote que levei a Togliatti. Togliatti, geralmente tão controlado, um homem de paixão, mas sempre de grande controle e autocontrole, ficou pálido. Tentou desatar o nó do barbante. Ele, tão meticuloso, um pouco avarento, nunca cortava um nó, desatava-o com paciência. Em vez disso, a certa altura, vejo-o pegar a tesoura e cortar o barbante, depois abre o pacote e começa a ler as cartas e continua a ler. Eu sentia que eram coisas importantes, eu tinha 24 anos, eu não dizia nada, estava em silêncio, tentava fazer-me esquecer. A certa altura, Togliatti não se conteve e perguntou-me: “Você sabe de quem são?” E depois, sem esperar, acrescentou: “São as cartas de Gramsci da prisão, as primeiras cartas que vejo depois de 4 anos”. Depois arrependeu-se e me disse: “Não devia ter-lhe contado, é um segredo, não conte a ninguém”. De fato, não contei a ninguém, mas o fato de aquela emoção o ter levado a quebrar uma regra de conspiração demonstra qual era a ligação entre Togliatti e Gramsci.²

Acredito que este testemunho confirme a estima (e também o afeto) que Togliatti nutria pelo companheiro Antonio. O título desta comunicação refere-se à gestão difícil e nada óbvia da herança do patrimônio cultural e político gramsciano após a sua morte.

Quando Gramsci morreu, em 27 de abril de 1937, a sua cunhada Tatiana Schucht conseguiu “subtrair da polícia fascista [...] os cadernos que ele tinha escrito nos anos de prisão”³ e que ela própria procedeu a uma primeira numeração, “aplicando em cada um deles uma etiqueta na capa e uma no verso”, embora sem ter ideia da ordem em que os cadernos tinham sido escritos⁴.

Poucos dias depois, Giulia, a esposa de Gramsci, solicita oficialmente ao Comissariado do Povo para os Assuntos Externos da URSS que se ocupe da “recuperação [...] da correspondência e dos escritos que ficaram na Itália após a morte de Gramsci”⁵. No dia seguinte, em uma carta a Piero Sraffa, Tânia confirma que “a vontade de Nino” era divulgar “todas as coisas a Giulia”. Recomenda, além disso, que Giulia tenha posse diretamente dos manuscritos “para evitar qualquer perda ou intromissão por parte de quem quer que seja”⁶.

Tânia tinha comunicado a Giulia a vontade do marido de lhe entregar todos os seus trabalhos, com a indicação de consultar Sraffa para a avaliação sobre como utilizá-los e exortando-a a não considerar os pedidos dos dirigentes comunistas italianos⁷.

Togliatti, que se encontrara várias vezes tanto com Giulia quanto com Eugenia, a terceira irmã Schucht, estava ciente dessa comunicação, à qual respondeu pouco depois (16 de maio) assegurando-lhe que: “Sem indicações de P[iero] nada será feito”, acrescentando, porém: “é necessário que o pensamento de Antonio se torne patrimônio do proletariado”⁸.

Em suma, graças à mediação de Sraffa, a gestão da herança literária gramsciana parecia poder avançar por meio de escolhas compartilhadas⁹.

Para conhecer a vontade de Gramsci sobre o destino de seus escritos, Togliatti dirigiu-se, portanto, diretamente a Sraffa no dia 20 de maio, ele que havia se encontrado com o prisioneiro várias vezes na segunda metade de março de 1937 na clínica Quisisana, em Roma, onde Gramsci estava internado desde 24 de agosto de 1935 sob vigilância rigorosíssima:

peço-te encarecidamente que me mostre com precisão quais são as instruções deixadas por Antonio para a eventual publicação e, em todo o caso, para o estudo e a utilização dos seus escritos. Refiro-me, em primeiro lugar, aos seus escritos da prisão, mas também aos outros, anteriores. Pelo que sei, os escritos da prisão estariam em lugar seguro e seriam gradualmente transmitidos aqui. No entanto, não tenho nenhuma ideia, nem sequer aproximada, sobre eles. De que se trata [?] Estão eles redigidos de modo a que seja possível uma publicação em um prazo relativamente curto [?] Que trabalho deverá ser feito sobre eles [?] Etc. Sobre todas estas coisas, gostaria que você me desse esclarecimentos, para mim ou para outros pessoalmente; creio que deveria colocar por escrito tudo o que o Antonio te comunicou a este respeito, bem como tudo o que você sabe sobre este propósito por outros meios [...], os seus desejos, as suas instruções etc. Isto deveria ser feito de forma quase oficial. O cuidado com a herança política e literária de Antonio é algo muito importante para que possa ser deixado ao acaso dos nossos encontros. Além disso, gostaria de saber se, das últimas conversas que você teve com Antonio, você tem conhecimento de algo sobre as suas intenções em relação aos seus escritos de épocas anteriores. Por fim, o que você pensa de uma eventual publicação de excertos das suas cartas do cárcere. Conteí aos amigos que penso que nós devemos nos abster de publicar coisas inéditas sobre ele até que tenhamos conhecimento exato das suas últimas vontades, que só você nos pode comunicar. [...]. Uma certa discricão na correspondência ao escrever pelo correio será, porém, sempre necessária. Seria melhor se nos encontrássemos [...]. Está totalmente excluído que você possa vir aqui, se não imediatamente, pelo menos quando todos os escritos deixados por Antonio estiverem aqui reunidos e se deva iniciar o trabalho?¹⁰

A resposta de Sraffa, que responde à solicitação de Togliatti e que constituiria um documento importantíssimo, nunca foi encontrada¹¹.

Além disso, o fato de que deveriam ser os dirigentes do PCd'I a gerir o patrimônio de Gramsci não era algo óbvio para todos: a influência do seu ensinamento era reivindicada também por outros expoentes da ala antifascista, a começar, por exemplo, por Angelo Tasca que, entretanto, havia ingressado no Partido Socialista, o qual tinha dedicado ao ex-

companheiro de lutas, poucos dias após a sua morte, o artigo *Uma perda irreparável. Antonio Gramsci*, no qual revisitava as experiências intelectuais e políticas comuns¹².

Cerca de um mês após o pedido de Giulia ao Commissariado do Povo para os Assuntos Estrangeiros, em 11 de junho, Togliatti escreve, por sua vez, ao Comintern, na pessoa do “camarada Manuilsky”, naquele momento o mais influente dos dirigentes russos, para solicitar a recuperação dos materiais gramscianos, reiterando, entre outras coisas:

como você já sabe, o nosso falecido camarada Gramsci trabalhou muito na prisão. Existem 30 Cadernos escritos por ele, que contêm uma representação materialista da história da Itália¹³. Estes cadernos estão hoje nas mãos da camarada Tatjana Schucht, que está em contato com a Embaixada soviética em Roma e, com toda a probabilidade, já pôs estes cadernos a salvo no edifício da Embaixada. Para o nosso partido e para o Comintern, é de máxima importância que estes cadernos cheguem às nossas mãos o mais rapidamente possível; peço-te, portanto, que encaminhe o respectivo requerimento do Commissariado do Povo para os Assuntos Estrangeiros ao embaixador soviético em Roma, de modo a que seja feito tudo para enviar aqui ao Comintern esta herança de Gramsci pela via mais segura.¹⁴.

A dificuldade nas relações entre a família Schucht, em especial de Tania e o partido italiano, torna-se cada vez mais explícita, sendo testemunhada pelos crescentes pedidos de esclarecimento a respeito do comportamento adotado pelo partido durante os anos de prisão do cunhado, cujas suspeitas e sofrimento ela foi, de fato, testemunha direta¹⁵. Entretanto, Togliatti, já desde o final de 1940, tinha juntado em uma lista detalhada o epistolário gramsciano: 267 cartas, das quais 223 datavam dos anos de prisão¹⁶.

Foi finalmente instituída, junto ao Comintern, uma Comissão para a gestão do patrimônio literário de Gramsci¹⁷, da qual Togliatti foi nomeado secretário e após várias propostas, ele próprio confirmou a necessidade de que “o trabalho do camarada Gramsci devesse ser utilizado de modo conforme ao objetivo e sendo necessário”:

os *Cadernos* de Gramsci, que eu já estudei quase todos cuidadosamente, contêm materiais que só podem ser utilizados após uma elaboração minuciosa. Sem esse tratamento, o material não pode ser utilizado e, pelo contrário, algumas partes, se fossem utilizadas na forma em que se encontram atualmente, poderiam não ser úteis ao partido. Por isso, creio que é necessário que este material permaneça no nosso arquivo para ser aqui elaborado.¹⁸

Após novos pedidos a Dimitrov, os Cadernos chegaram à Itália pouco antes da Libertação e foram entregues a Togliatti pelo embaixador soviético Kostylev em 3 de março de 1945¹⁹.

Em um artigo publicado no “L'Unità” de 30 de abril de 1944, poucos dias após o regresso de Togliatti à Itália libertada, além da iminente publicação das *Cartas*, era anunciada também a dos *Cadernos*. Os originais destes últimos precederam a chegada das *Cartas*, que, no entanto, se tornaram, na estratégia togliattiana, a melhor introdução à leitura deles.

Na realidade, foi necessário esperar mais três anos até que as *Cartas do Cárcere*²⁰ vissem a luz do dia²¹, enquanto a edição dos *Cadernos* foi oferecida ao público entre 1948 e 1951.

A edição dos escritos foi confiada a Felice Platone, que assina o primeiro relatório importante, *Relatório sobre os cadernos do cárcere*, publicado na revista “Rinascita” em 1946. O subtítulo, *Para uma história dos intelectuais italianos*, reforçava a hipótese de que, para todo o *corpus* dos *Cadernos*, o fio condutor fosse esse. O relatório continha uma descrição física dos *Cadernos*, dados relativos aos anos em que foram escritos²² e uma interpretação importante: afirmava-se, de fato, que aqueles escritos eram “a continuação da sua atividade passada”; tratava-se, em suma, “de um estudo para uma história da cultura e dos intelectuais italianos em sentido amplo, de uma análise da sua função na sociedade política e civil [...], das relações entre intelectuais e classes trabalhadoras, da luta das classes trabalhadoras e das suas vanguardas para aceder à cultura, transformá-la e inseri-la no processo de transformação da sociedade”.

Tais afirmações estavam evidentemente conectadas à linha político-cultural de Togliatti e do PCI logo após a Libertação. Também as considerações relativas a Croce e à cultura italiana, outro eixo fundamental dos *Cadernos*, estavam muito próximas das polêmicas Croce-Togliatti que já haviam sido iniciadas. A análise da “hegemonia do proletariado e, portanto, da luta na frente cultural figurava entre os principais interesses de Gramsci, para quem os intelectuais italianos, começando exatamente por Benedetto Croce, tinham uma grande responsabilidade “na ascensão do fascismo”²³.

Eram também desenvolvidas nos *Cadernos*, lê-se ainda no relatório, outras questões: “da escola única e da organização de todas as instituições culturais aos problemas gerais da arte, da política, da história, da filosofia”.

Estes eram todos os temas que Togliatti também colocaria em primeiro lugar na sua agenda política, dali em diante, nos anos seguintes²⁴.

De resto, Togliatti, um ano após a prisão de Gramsci e após os contrastes que os afastaram (refiro-me ao episódio da correspondência relativa à luta interna no grupo dirigente do partido bolchevique que, segundo a vulgata comum, Togliatti não queria ter entregado²⁵), publicou, no fascículo de maio-junho de 1927 de “Lo Stato Operaio”, revista oficial do PCd’I publicada na França, o escrito *Antonio Gramsci, um chefe da classe operária italiana. (Por ocasião do processo de Roma)*²⁶. Aqui, Togliatti traçou um perfil intelectual e político de Gramsci, indicando-o, em contraposição a Amadeo Bordiga²⁷, como o verdadeiro inspirador da linha do Partido. Dez anos depois, logo após a morte de Antonio Gramsci, Togliatti republicava na mesma revista um artigo com um título quase idêntico, mas que, com a omissão do artigo indefinido, tornava Gramsci o único chefe da classe operária²⁸. Gramsci tornava-se, nesta leitura togliattiana, o maior “revolucionário dos tempos modernos”²⁹, “um marxista, um leninista, um bolchevique” que havia colocado pela primeira vez o problema da criação de uma organização operária “de tipo novo”, que se realizaria com a criação dos Conselhos de Fábrica. Conectava-o, além disso, tanto às vítimas do fascismo (de Giacomo Matteotti a Giovanni Amendola, de Piero Gobetti a Gastone Sozzi) quanto, de forma mais geral, “aos perseguidos pelas classes dirigentes do nosso país”: de Dante a Giordano Bruno, de Galileu a Mazzini, de Campanella a Garibaldi, inserindo-o, portanto, em uma cadeia ideal de pais da Pátria que transcendia as filiações políticas e na qual todos, idealmente, se reconheciam. Estavam já

contidos *in nuce*, por assim dizer, os “dois rostos de Gramsci”: o homem de partido e o homem de todos. As interpretações que, no decorrer dos anos seguintes, dependendo dos contextos e das conjunturas políticas, seriam postas em evidência por Togliatti para legitimar e enobrecer as estratégias políticas do PCI.

O primeiro testemunho escrito sobre a vontade de publicar os escritos gramscianos encontra-se em uma carta de Mario Montagnana³⁰ a Togliatti, apenas dois dias após a morte de Antonio, na qual ele comunicava a oportunidade de “fazer o máximo possível para divulgar melhor Antonio ao P. e ao mundo” e, sobretudo, acrescentava: “é preciso publicar os escritos de Antonio”³¹. A resposta de Ercoli³² é datada de 12 de maio: Togliatti delineava o seu plano, detalhado, embora ainda esboçado, tanto no cronograma quanto nos conteúdos, que previa “algo imediatamente, ainda não sei bem em que forma”, “dentro de 8 a 10 dias um artigo biográfico-político para aqui e para vocês”³³, ao qual queria associar “uma edição das cartas, do c. a preparar imediatamente”. Anunciava então a vontade de reelaborar o artigo “em um grande opúsculo de 100-115 páginas com caráter já “mais” político do que biográfico”, operação para a qual previa dois meses de trabalho e, finalmente, “preparar a edição de uma coletânea de escritos”, uma empreitada decisivamente mais longa que aqui, concluía, “poderei apenas esboçar”. Muito significativa é a frase, sublinhada no texto, em que exortava a “não tomem nenhuma iniciativa de publicação de cartas e outro material inédito sem acordar comigo”, atitude que permaneceria constante por todos os anos seguintes, e a enviar-lhe “imediatamente (em cópia) todas as cartas que estão no nosso arquivo”³⁴: o partido já estava em posse de todas as cartas de Gramsci.

O primeiro documento que atesta o trabalho iniciado por Togliatti para a publicação das *Cartas* é um caderno no qual ele listava o destinatário e o *incipit* de cada carta individualmente³⁵. Estão catalogadas aqui 223 cartas escritas na prisão (de novembro de 1926 a janeiro de 1937³⁶) e 64 do período anterior.

Os originais das *Cartas* gramscianas chegaram a Itália em dois momentos diferentes³⁷: uma primeira parte foi retirada do arquivo do Comintern em 10 de dezembro de 1946, a pedido do Ministério das Relações Exteriores soviético, para ser “entregue pessoalmente a Togliatti”; uma segunda parcela chegou em janeiro de 1947³⁸, pouco antes da publicação do volume, retirada diretamente do arquivo pessoal de Togliatti.

De fato e na prática, Togliatti autoproclamou-se de imediato o guardião da herança literária e política gramsciana.

O primeiro testemunho, desta vez “público”, da existência de um precioso patrimônio literário gramsciano encontra-se em um artigo do já citado Montagnana, publicado em 1942 no “Lo Stato Operaio” de Nova Iorque: *Os escritos inéditos de Antonio Gramsci*³⁹, cuja herança política e literária o PCd’I gerenciava. Ele fornecia aqui informações concisas sobre os temas abordados nos “cadernos de notas”, cujo conteúdo declarava conhecer apenas “em linhas gerais”.

É conveniente precisar que Gramsci, na época, era conhecido exclusivamente pelos quadros do partido. É um autor póstumo. Sem o trabalho de Togliatti, pode-se afirmar que não haveria Gramsci da maneira como nós o conhecemos.

No primeiro discurso proferido por Togliatti aos companheiros de Salerno, após o seu regresso à Itália libertada (27 de março de 1944)⁴⁰, ele anuncia e explica “a virada” do Partido, mencionando, embora fugazmente, Gramsci: “O melhor de nós, Antonio Gramsci, deixou a vida no cárcere, torturado e empurrado para um fim prematuro pelas feras fascistas e por ordem precisa de Mussolini”⁴¹.

A “virada de Salerno” representou, como foi observado, “uma espécie de relâmpago que incinerava o passado”⁴², sobretudo pela concepção do “Partido novo” inaugurada por Togliatti: um partido que assegurasse aos seus filiados uma função dirigente na vida nacional, um grande partido de massa, profundamente conectado não apenas à classe operária, mas a todas as camadas populares.

Esta nova concepção do Partido é delineada por Togliatti em dois artigos significativos publicados no “l’Unità” de Nápoles em 30 de abril, a poucos dias do sétimo aniversário da morte de Gramsci.

No primeiro, assinado por Ercoli, *A política de Gramsci*⁴³, Togliatti afirma que Gramsci, desde os tempos de “L’Ordine Nuovo”, mas ainda mais a partir de 1924, “quando tomou diretamente em suas mãos a direção política do partido”, havia indicado como prioridade a busca por uma política “nacional”, na qual “todas as camadas da população trabalhadora, do intelectual ao artesão e ao camponês, do pequeno e médio cultivador e do profissional do *Mezzogiorno* [...]” se sentissem unidas e conscientes “da necessidade de somar suas forças às do proletariado”, centrada na “função nacional da classe operária”. Hoje, concluía Togliatti, com o fim da guerra, caberá à classe operária reconstruir uma Itália que tenha “aberto diante de si o caminho do progresso”. Isso será possível somente dando continuidade à “política de Gramsci”, aquele que “criou o nosso partido”.

É necessário destacar que aqui Togliatti “impõe” decisivamente o papel de Gramsci em Livorno, que na realidade foi bastante residual. O protagonista daquela cisão foi, na verdade, Amadeo Bordiga. No segundo artigo, *A herança literária de Gramsci*⁴⁴ não assinado, mas unanimemente atribuído a Togliatti, o único na Itália que poderia, naquele momento, dispor das informações contidas no texto⁴⁵, anuncia-se a existência e o salvamento de “cerca de trinta cadernos cobertos por uma escrita à caneta densíssima”, conservados em Moscou e ainda não devolvidos à Itália.

Será tarefa dos amigos e “do nosso partido”, conclui Togliatti, colocar o mais rápido possível à disposição de todos “este riquíssimo material de estudo”.

Como se nota desde os títulos, Togliatti faz referência explícita à política e à cultura gramscianas. E este será o primeiro anúncio “oficial” da *Operação Gramsci*: a obra gramsciana é utilizada como ponte para iniciar um diálogo com toda a sociedade italiana, ou seja, um partido confiável para as democracias ocidentais, um partido nacional, antes de ser internacionalista, um partido italiano além de comunista⁴⁶.

Nessa perspectiva, o décimo aniversário da morte de Gramsci constitui uma oportunidade importante, que Togliatti não deixa escapar. A comemoração oficial, realizada em 28 de abril na Câmara dos Deputados, é confiada a um dos dirigentes do PCI mais próximos

de Togliatti, Mauro Scoccimarro⁴⁷. Seu discurso é centrado no Gramsci deputado, representante do povo italiano, que, nessa qualidade, havia sido preso pela polícia fascista. O testamento gramsciano, ao qual é preciso permanecer fiel, encontra-se nas próprias palavras de Gramsci: “É preciso lutar para criar na Itália uma sólida e estável democracia nacional [...], unificar todas as forças sadias e progressistas [...] e guiá-las em direção a uma revolução democrática que permaneceu inacabada em nossa Unificação”⁴⁸.

Poucos dias antes, em 12 de abril, saía dos prelos da editora Einaudi a primeira edição das *Cartas do cárcere*, que começaram a circular, precisamente, no fim do mês. A própria escolha de publicar as cartas gramscianas em uma editora que não fosse do partido faz parte da estratégia global de Togliatti⁴⁹. O impacto que as *Cartas* tiveram na cultura italiana foi quase inacreditável⁵⁰: apareceram, nos mais diversos órgãos de imprensa, cerca de cem resenhas, inclusive em folhas que não eram emanação direta do Partido Comunista. E, a partir daquele momento, assistiu-se a uma multiplicação de artigos voltados a ampliar e revelar a figura de Antonio Gramsci:

As cartas publicadas foram, nesta primeira edição, 218, às quais se somaram, para a subsequente segunda edição⁵¹, nada menos que 428 textos, dos quais 119 eram inéditos.

A “Operação Gramsci”, como foi definida por diversos setores, voltada a apresentar, antes de tudo, o “doente”, o “Gramsci sorridente”, havia sido deflagrada e revelou-se vitoriosa, talvez até além das expectativas do próprio Togliatti que a havia concebido.

E foi o mais ilustre filósofo italiano de então, Benedetto Croce, quem veio a “consagrar” as *Cartas do cárcere*⁵², resenhando-as na revista “Quaderni della Critica”:

O livro de suas cartas que ora se publica pertence também a quem é de outro ou oposto partido político, e lhe pertence por dupla razão: pela reverência e pelo afeto que se nutrem por todos aqueles que mantiveram alta a dignidade do homem e aceitaram perigos, perseguições, sofrimentos e a morte por um ideal, o que Antonio Gramsci fez com fortaleza, serenidade e simplicidade, de tal modo que estas suas cartas do cárcere suscitam horror e revolta interior contra o regime odioso que o oprimiu e suprimiu, e porque, como homem de pensamento, ele foi dos nossos, daqueles que, nas primeiras décadas do século na Itália, dedicaram-se a formar uma mente filosófica e histórica adequada aos problemas do presente, entre os quais eu também me encontrava, como um ancião em relação aos mais jovens.

Em agosto, as *Cartas* são agraciadas com o importante prêmio literário Viareggio. Esse reconhecimento contribui para estimular o desejo de conhecer o homem Gramsci.

Em 18 de agosto de 1947, no “La Capannina del Marco Polo”, o júri do Prêmio Viareggio concede, portanto, a vitória às *Cartas do cárcere* de Antonio Gramsci. Pela primeira vez em sua história, o prêmio era atribuído a uma obra que não era estritamente literária, no sentido próprio do termo, e, além disso, a um autor falecido. O júri era presidido por Leonida

Rèpaci, ex-companheiro de luta de Gramsci e fundador, em 1929, junto a Carlo Salsa⁵³ e Alberto Colantuoni⁵⁴, do prêmio versiliano⁵⁵.

Também não foi casual a escolha da Einaudi como editora de Gramsci. As razões devem ser buscadas, sobretudo, na presença dentro da editora, ou junto a ela, de influentes figuras de intelectuais democratas, progressistas ou filiados ao PCI: de Bobbio à viúva de Ginzburg, Natalia Levi, de Calvino a Mila, de Muscetta a Vittorini, para citar apenas alguns.

Em suma, a “casa do Avestruz” pareceu a Togliatti a solução certa para a publicação dos escritos de Gramsci: próxima ao Partido, mas não do Partido⁵⁶. Ele estava consciente do fato de que os escritos gramscianos “teriam um impacto muito maior com a Einaudi, que tinha justamente essa fama de autonomia e de independência”⁵⁷.

Já nos primeiros meses de 1945, Einaudi havia elaborado, em conjunto com Alicata e Pajetta, um vasto e complexo plano editorial - livros e periódicos - com alcances e significados políticos de um nível certamente não comparável a nenhuma outra editora⁵⁸.

No mesmo dia em que escrevia a Alicata para solicitar o desenvolvimento dos “projetos combinados em Roma”, em 12 de maio de 1945, Giulio Einaudi enviou a Togliatti a proposta de contrato para os escritos gramscianos:

Em relação às conversas ocorridas entre o Dr. Platone e o nosso Titular, temos a honra de submeter à Vossa apreciação o seguinte esquema de acordo para a publicação, sob a responsabilidade desta Editora, das “Obras de Antonio Gramsci”. Os manuscritos serão editados por uma comissão específica designada pelo P.C.I., que manterá contato com a direção da nossa Casa para a necessária coordenação técnico-editorial. A Editora está disposta a reservar um adiantamento a ser acordado para as despesas dos trabalhos da referida comissão, a ser calculado sobre uma porcentagem de Direitos Autorais de 5%, a ser paga à Direção do partido sobre o preço de capa de cada exemplar vendido. As despesas de impressão ficam a cargo da Editora. Os volumes serão apresentados na melhor veste tipográfica, seguindo o padrão das nossas edições. Propõe-se que o preço de venda seja mantido na proporção mínima de 1:2 (1 de custo, 2 de preço de venda). [...]. Às organizações do Partido, os volumes serão cedidos com o desconto para livreiros de 30%. A publicação de cada volume será realizada em até três meses a partir da entrega do manuscrito pronto para a impressão. Independentemente da publicação das “Obras”, a Casa estaria sumamente interessada, para facilitar ao máximo a difusão do pensamento de Antonio Gramsci nos diversos estratos sociais, na impressão de dois volumes em coleções específicas: - As *Cartas* na coleção “Saggi” [Ensaaios] - Uma coletânea de escritos sobre os Conselhos de Fábrica, na coleção “Problemi Italiani” [Problemas Italianos]. Para cada um desses dois volumes, a Casa pretenderia pagar à Direção do Partido uma porcentagem de 10% sobre o preço de capa de cada exemplar vendido, e ceder os volumes às Organizações do Partido com o desconto para livreiros. No aguardo de vossa prezada confirmação, honrados pela grande confiança em nós assim depositada, nossos melhores cumprimentos⁵⁹.

Fala-se, portanto, da criação de “uma comissão específica” designada pelo PCI, que deveria funcionar como correia de transmissão entre o órgão político (o partido, precisamente) e o cultural (a editora). Na realidade, as coisas fluíram de modo muito mais solto, com uma

ampla margem de liberdade para a casa Einaudi, embora em uma relação que foi sempre de mútua atenção, não sem alguns mútuos suspeitos.

O editor compartilhava, portanto, e de certa forma antecipava, a estratégia de Togliatti de tornar conhecido e difundir primeiro o “homem Gramsci” e, em seguida, o pensador político.

A edição dos volumes foi, de fato, confiada a Felice Platone, embora a secretaria do Partido tenha nomeado a famosa “Comissão” para a edição dos *Cadernos*, presidida por Ambrogio Donini⁶⁰, a qual teve, porém, um papel bastante limitado.

Togliatti aceitou a proposta de contrato da Einaudi em 7 de junho de 1945, impondo a condição de que os prefácios e as notas de cada volume deveriam “ter a nossa aprovação”. Em compensação, por assim dizer, ele cedia a “propriedade literária da obra”: todos os direitos de publicação, inclusive de eventuais reimpressões sucessivas, foram deixados para o editor⁶¹.

Uma “Virada de Salerno” traduzida para o plano editorial, em suma, na qual se almejava uma relação especial com o PCI, embora sem identificação total. A editora manteve sempre, no fundo, sua autonomia e nunca institucionalizou a relação com o partido. Apesar disso, o vínculo entre a Einaudi e o PCI provocou, em certas fases, “lacerações” e “contrastes internos com os colaboradores⁶²”. A atenção do partido voltava-se, em particular, para algumas coleções através das quais fosse possível canalizar e orientar uma ampla gama de intelectuais e de público: as obras de Gramsci deviam, nesta perspectiva, ser desvinculadas da leitura exclusiva do partido e apresentadas como o produto de uma elaboração de altíssimo nível de toda a produção italiana⁶³.

Os escritos de Gramsci eram, portanto, a peça decisiva, provavelmente a mais importante, nessa estratégia, que convergia objetivamente com a de Togliatti em construir um Partido Comunista verdadeiramente “italiano”, democrático e nacional.

Togliatti acompanha minuciosamente, até nos mínimos detalhes, a publicação: desde a preparação redacional até a impressão e a promoção do livro, à qual a editora Einaudi se dedicou com grande solicitude⁶⁴.

O vínculo entre a Einaudi e o Partido Comunista fortaleceu-se também por meio de outros projetos, entre os quais o da construção de uma rede de bibliotecas populares, que previa a difusão e a promoção de alguns volumes sugeridos diretamente pela Comissão de Imprensa e Propaganda do PCI, ou o da “semana do livro Einaudi”, sempre no intuito de “alcançar um público mais vasto do que aquele que havia conquistado duramente em seus primeiros anos de vida”.

Enquanto isso, a partir de 1948, inicia-se também a publicação dos *Cadernos do Cárcere*, que se concluirá em 1951. Ao “Gramsci homem”, seguia-se, portanto, o “Gramsci político”.

Como escreveu Giuseppe Vacca: “Não há interpretação mais influente de um autor inédito do que aquela entregue aos modos e aos tempos de sua primeira publicação”⁶⁵. Não sabemos se isso é verdade para todos, mas foi certamente verdadeiro para a edição temática dos *Cadernos*, que condicionou profundamente a recepção do pensamento gramsciano, tanto na Itália quanto no exterior.

Os volumes foram publicados, organizados tematicamente entre 1948 e 1951, por decisão direta de Togliatti, que trabalhou neles, também neste caso com Felice Platone, por mais de uma década e, como se viu, manteve constantemente o controle sobre a “Operação Gramsci”.

O núcleo central da elaboração gramsciana era duplo, na leitura de Togliatti: ele era representado pela questão meridional, de um lado, e pela reflexão sobre os intelectuais, de outro⁶⁶.

Os materiais preparatórios para o plano original de edição confiados a Felice Platone e colocados, mais tarde, à disposição de Valentino Gerratana para a organização da edição crítica dos *Cadernos* de 1975, fornecem indicações interessantes e úteis sobre os critérios utilizados. O que se constata é, sobretudo, a exigência e a vontade de tornar o pensamento gramsciano o mais “fácil” e acessível possível ao maior número de leitores. O escrúpulo de adequar-se às diretrizes stalinistas ou os temores de incorrer em excomunhões, ou, ainda, eventuais raciocínios de puro oportunismo político, são, certamente, questões secundárias em relação ao objetivo a ser alcançado.

Os pareceres de alguns membros da Comissão, contidos entre os materiais, não parecem ir além da expressão de opiniões genéricas ou de sugestões mais ou menos discretas⁶⁷.

Como na publicação das *Cartas*, também no caso dos *Cadernos*, o cuidado editorial, bem como a atenção às vendas e às promoções de cada volume, foi indiscutível.

Em geral, a escolha da organização temática para a primeira edição foi, e ainda é reconhecida por diversos setores como a melhor, dadas as circunstâncias, e provavelmente a única escolha possível à época para favorecer ao máximo a difusão do pensamento de Gramsci.

Entre as muitas possíveis, proponho ao menos o testemunho do filósofo turinês Norberto Bobbio, certamente não suspeito de simpatias comunistas, o qual reconheceu que aquela edição temática:

foi uma operação talvez filologicamente não de todo correta, mas dotada de grande sabedoria, porque permitiu identificar de imediato e com clareza os grandes temas da reflexão gramsciana, que eram, ao menos quatro deles: o confronto com a filosofia de Croce, o problema do papel dos intelectuais, o problema da formação do novo Estado e as reflexões sobre a Unificação, temas fundamentais da crítica filosófica, histórica e política nos anos da reconstrução, precisamente os anos em que surgiram gradualmente os volumes separados dos *Cadernos*. [...].

O próprio Gerratana, organizador da edição crítica de 1975, alinou-se a essa posição: “A escolha feita então, de agrupar as notas gramscianas por assuntos e por temas homogêneos, e de ordenar tais agrupamentos em uma série de volumes independentes, era, em todo caso, o meio mais idôneo para assegurar a mais ampla circulação ao conteúdo dos *Cadernos* [...] não apenas na Itália”⁶⁸.

De qualquer modo, a nova edição teria contribuído para desmistificar “de uma vez por todas a lenda dos pesados cortes de natureza diplomática que teriam sido feitos

na coletânea einaudiana das obras”⁶⁹. Na realidade, isso foi verdadeiro para os especialistas, que puderam ler o “novo” Gramsci e dedicar-se a novos exercícios críticos, avaliando a modéstia dos “cortes”, tanto no plano quantitativo quanto no qualitativo.

Através de uma mistura habilidosa de filologia e estratégia política, temperando a fidelidade ao texto com considerações de conveniência política (que o julgamento retrospectivo talvez condene com excessiva facilidade), Togliatti fornecia uma linha interpretativa que fazia dos *Cadernos* um instrumento político para além do PCI: tanto perante a opinião pública, para convencê-la da vocação “nacional” do partido - referindo-se à elaboração de Gramsci, apresentado universalmente no papel de “fundador” -, quanto perante o próprio mundo comunista, ao qual se deixava entrever o perfil de um Partido “irmão”, mas independente desde as suas origens, cuja nobreza teórica e moral afirmava-se gradualmente com o aparecimento dos textos gramscianos. Ao mesmo tempo, os *Cadernos* perseguiam uma espécie de linha “central”, que se mantinha na estrada mestra do comunismo internacional, condenando toda forma de heterodoxia, mas rejeitava as cruezas dos extremistas. Não é exagero, certamente, ver naquelas notas carcerárias, elaboradas por uma mente posta à prova pelo regime repressivo e redigidas por mãos cada vez mais cansadas, um antídoto não apenas ao jdanovismo, mas a todo o sistema político, intelectual e moral do stalinismo.

Agradecimentos

Não há

Financiamento

Não há.

Tradução

Tradutora Maria Amelia Dionisio.

Disponibilidade de dados da investigação

Não há.

Conflito de interesses

Não há.

Notas

¹ Giorgio Amendola, un grande italiano” Fondazione Giorgio Amendola

² G. Amendola, *Antonio Gramsci nella vita culturale e politica italiana*, Guida, Napoli 1978, p. 54.

³ F. Platone, *L'eredità letteraria di Gramsci. Relazione sui quaderni del carcere*, em “Rinascita”, III (1946), 4, pp. 81-90, agora em P. Togliatti, *Scritti su Gramsci*, organização de G. Liguori, Editori Riuniti, Roma 2001, pp. 94-95.

⁴ Platão acrescentava que “(assim, o caderno escrito primeiro e iniciado em 8 de fevereiro de 1929 leva o número 16); um dos cadernos, marcado por Gramsci com o algarismo III e intitulado “A filosofia de Benedetto Croce”, por motivos que ignoramos, não foi numerado como os outros”, idem, p. 81. Dos trinta e três cadernos da prisão, apenas 31 estavam marcados por Tatiana. Sobre as razões de tal exclusão, Gerratana avança a hipótese: “que Tânia se propusesse a substituir a primeira numeração provisória e casual, dada à maioria dos cadernos, por uma numeração mais racional, correspondente a critérios cronológicos ou de outra natureza, obtidos a partir do estudo dos próprios cadernos. Existe, de fato, um caderno (guardado juntamente com os cadernos de Gramsci) no qual Tânia tinha começado a redigir um inventário das notas de Gramsci segundo uma ordem dos cadernos diferente daquela que ela própria tinha dado na numeração provisória.” (V. Gerratana, *Problemi di metodo*, Editori Riuniti, Roma 1997, pp. 7-8).

⁵ P. Spriano, *L'ultima ricerca. Dagli archivi dell'URSS i documenti segreti sui tentativi per salvare Antonio Gramsci*, l'Unità, Roma 1988, p. 32.

⁶ P. Sraffa, *Lettere a Tania per Gramsci*, Editori Riuniti, Roma 1991., p. 260.

⁷ Carta de 5 de maio de 1937 de Tânia a Giulia, em AAG, *Carte Giulia Schucht*, Corrispondenza. Agora em A. Gramsci, *Lettere dal carcere*, cit., pp. IX-X. não deve se preocupar com os seus manuscritos, com as cartas etc. [...] Tudo está em ordem, mas com este correio não te mando nada dos seus trabalhos ou das suas cartas porque quero que primeiro saiba que te mandarei os manuscritos dos quais falamos muito nos últimos dias. Ele conseguiu mantê-los consigo, mantendo os seus trabalhos em linguagem esópica. É claro, porém, que após a sua libertação ele não poderia ter conservado consigo estes trabalhos; por isso, espero, dizia-me ele, que eu devesse enviar-te todos os seus manuscritos, tirando-os pouco a pouco da clínica, mas já depois da sua libertação, por temor de que me surpreendessem antes com os seus manuscritos. E assim, a sua vontade é que seja você a receber estes manuscritos, e não a seção italiana, compreende, minha querida? Você deve receber tudo na íntegra e não confiar nada a ninguém, pelo menos até que o seu amigo Piero tenha expressado a sua opinião sobre a forma como estas obras de Antonio deverão ser organizadas e utilizadas em todo o seu valor

⁸ Carta de 16 de maio de 1937 de Eugenia a Tania, in AAG, *Carte Tatiana Schucht*, Corrispondenza; agora em A. Gramsci, *Lettere dal carcere*, organização de F. Giasi Einaudi, Torino, 2020, p. X.

⁹ F. Giasi, *Introduzione a Lettere dal carcere* cit., p. X.

¹⁰ P. Spriano, *Gramsci in carcere e il partito*, “l'Unità”, Roma 1988, pp. 165-66. Agora em *Togliatti editore di Gramsci*, organização de C. Daniele, Introdução de G. Vacca, Editori Riuniti, Roma 2005, p. 15-16.

¹¹ P. Sraffa a Elsa Fubini, 4 maggio 1965, Fondazione Istituto Gramsci, Fondo Gramsci, Gramsci dopo la morte, fasc. “1962-1969” cit. em Vacca, *Introduzione*, a C. Daniele (org.), *Togliatti editore di Gramsci* cit., p. 17, nota 17.

¹² A. Tasca, *Una perdita irreparabile: Antonio Gramsci*, em “Nuovo Avanti!”, XLIII, 1937, 19, p. 3. Agora em E. Santarelli, *Gramsci ritrovato. 1937-1947*, Cosenza, Abramo, 1991, p. 81-91.

¹³ Provavelmente o conhecimento dos conteúdos dos *Cadernos* lhe foi feita através da carta de Sraffa que nunca foi encontrada.

¹⁴ A carta, escrita em alemão, é proveniente do arquivo RGASPI, fundo 495, inventário 12, fascículo 152, e foi encontrada por S. Pons. Uma cópia encontra-se agora conservada no Arquivo da Fundação Gramsci.

¹⁵ Cfr. F. Giasi, *Introduzione* cit., p. XIV.

¹⁶ F. Giasi, *Introduzione* cit., p. XIX.

¹⁷ A primeira reunião realizou-se a 25 de fevereiro de 1939, com a presença de Tânia. Naquela ocasião, discutiu-se apenas o destino da biblioteca de Gramsci. A ata da reunião pode ser lida em C. Daniele (org.), *Togliatti editore di Gramsci* cit., pp. 64-65.

¹⁸ RGASPI, Fundo 17, inventário 128, fasc. 1016, fls. 30-32; agora em *Togliatti editore di Gramsci* cit., p. 73.

¹⁹ RGASPI, Fundo 17, Inventário 128, fasc. 42, fl. 9; agora em *Togliatti editore di Gramsci* cit., p. 73.

²⁰ A primeira edição possuía 218 cartas.

²¹ Os autógrafos das cartas chegaram de Moscou em janeiro de 1947, quando o volume já estava na tipografia.

²² F. Platone, *Relazione* cit., p. 82. Notas e anotações – Assuntos principais – 1) Teoria da história e da historiografia; 2) Desenvolvimento da burguesia italiana até 1870; 3) Formação dos grupos intelectuais italianos: desenvolvimento, atitudes; 4) A literatura popular dos “folhetins” e as razões da sua persistente fortuna; 5) Cavalcante Cavalcanti: a sua posição na estrutura e na arte da *Divina Comédia*; 6) Origem e desenvolvimento da Ação Católica na Itália e na Europa; 7) O conceito de folclore; 8) Experiências da vida no cárcere; 9) A “questão meridional” e a questão das ilhas; 10) Observações sobre a população italiana: sua composição, função da emigração; 11) Americanismo e fordismo; 12) A questão da língua na Itália: Manzoni e G.I. Ascoli; 13) O “senso comum”; 14) Revistas tipo: teórica, crítico-histórica, de cultura geral (divulgação); 15) Neogramáticos e neolingüistas (“esta tábua redonda é quadrada”); 16) Os netinhos do padre Bresciani.

²³ Idem, pp. 85-87.

²⁴ Para uma biografia abrangente de Togliatti, cf. A. Agosti, *Togliatti. Un uomo di frontiera*, Utet, Torino 2003 e o mais recente G. Fiocco, *Togliatti, il realismo della politica*, Carocci, Roma 2018. Remeto, além disso, ao meu *Gramsci e Togliatti, Egemonie in movimento*, Mimesis, Milano 2024, em especial ao cap. V, *Il “partito nuovo” di Togliatti. L’Egemonia in atto*, pp. 89-108.

²⁵ Sobre este episódio, cf. em especial P. Togliatti, *Scritti su Gramsci* cit., pp. 8-14. Liguori subdivide as “leituras togliattianas de Gramsci” em três fases: os anos do fascismo, da prisão à morte de Gramsci; o período que vai da Libertação ao fim do estalinismo; e os anos compreendidos entre o fatídico 1956 e o falecimento de Togliatti (p. 8. Cf. também G. Vacca, *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca*, em *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca. Il carteggio del 1926*, organizado por C. Daniele, Einaudi, Torino 1999; G. Vacca, *Appuntamenti con Gramsci*, Roma, Carocci 1999; M. Pistillo, *Gramsci-Togliatti. Polemiche e dissensi nel 1926*, Lacaita, Manduria-Bari-Roma 1996. Os documentos confirmam que Togliatti (em Moscou desde fevereiro de 1926) teria sido autorizado pelo próprio Gramsci a mostrar, de maneira reservada, a carta a algum dos “mais responsáveis” entre os dirigentes russos; ele, julgando-a superada pelos acontecimentos, solicitou ao gabinete político que não a transmitisse, propondo discuti-la pouco tempo depois em outra sede.

²⁶ P. Togliatti, *Antonio Gramsci capo della classe operaia italiana*, em “Lo Stato Operaio”, I, 1927, 8, pp. 871-64; agora em P. Togliatti, *Scritti su Gramsci* cit. pp. 41-44.

²⁷ Amadeo Bordiga (Ercolano, Nápoles, 1889 – Formia, Latina, 1970). Filiado ao PSI a partir de 1910, licenciou-se em engenharia no Politécnico de Nápoles em 1912. Em abril do mesmo ano, fundou com alguns jovens companheiros o *Círculo Carlo Marx*, grupo que saiu da seção napolitana do PSI, mas não do partido. Sob a sua influência, a seção napolitana do partido tornou-se o núcleo de uma corrente combativa que, pouco a pouco, abriu caminho nos encontros locais da juventude socialista e nos congressos nacionais do partido. Ao mesmo tempo, crescia a sua experiência de luta, vivida em uma das áreas industriais a leste de Nápoles, então entre as mais desenvolvidas de Itália. Em 1917, com o eclodir da Revolução Russa de outubro, aderiu ao movimento comunista internacional e formou a “Fração Comunista Abstencionista” no seio do PSI, que se juntou à corrente turinês do “L’Ordine Nuovo” e, em 1921, provocou a cisão e a formação do PCd’I. Foi eleito para o Comitê Central do PCd’I e nele permaneceu até a sua prisão em 1923. Em junho do mesmo ano, juntamente com outros dirigentes, foi substituído na direção do partido por ordens de Moscou. Absolvido no processo, recusou-se a entrar no comitê executivo. Em 1926, foi enviado para o confinamento em Ustica juntamente com Gramsci. Após a sua libertação, foi cada vez mais marginalizado da atividade política e, em 20 de março de 1930, foi expulso do Partido por ter defendido Leon Trotsky. Durante muitos anos não pôde exercer atividade política, vigiado noite e dia pela polícia fascista. Em 1945 participou, embora em uma posição discreta, na organização do Partido Comunista Internacionalista, em cujo órgão de imprensa, “o programa Comunista”, desenvolveu uma intensa atividade como publicista, de forma anônima, continuando a denunciar e a criticar o estalinismo soviético e declarando-se fiel ao marxismo e a Lenin. A relação entre Gramsci e Bordiga tem sido objeto, nos últimos anos, de um novo interesse historiográfico. Também o papel de Bordiga na cisão de Livorno foi amplamente reavaliado.

²⁸ P. Togliatti, *Antonio Gramsci capo della classe operaia*, em “Lo Stato operaio”, XI (1937), n. 5-6, pp. 273-89; agora em P. Togliatti, *Scritti su Gramsci* cit., pp. 58-89.

²⁹ Idem, p. 276.

³⁰ Mario Montagnana (Turim, 1897 – id. 1960). De família pequeno-burguesa, após o diploma técnico começou a trabalhar e tornou-se operário metalúrgico. Aproximou-se do socialismo muito jovem; em 1913 já integrava, com



a sua irmã Rita, as fileiras dos jovens socialistas turineses, onde desempenhou uma importante atividade sindical sob a influência direta de Gramsci. Foi preso várias vezes pela sua atividade revolucionária e, após a fundação do PCI, foi enviado a Moscou ao III congresso do Comintern como representante da Internacional Juvenil. Ocupou cargos importantes nas fileiras do partido e esteve na Espanha de 1937 a 1939. Com o eclodir da Segunda Guerra Mundial, foi detido por quase dois anos no campo de concentração de Vernet d'Ariège, de onde conseguiu, em 1941, chegar ao México, onde permaneceu durante toda a guerra. Regressado a Itália em 1946, foi membro da Consulta Nacional, deputado à Constituinte e ao Parlamento. Tornou-se depois secretário da Câmara do Trabalho de Milão e de Turim. Foi, por um breve período, diretor do "L'Unità".

³¹ Carta datada de 29 de abril de 1937, em *Fondazione Istituto Gramsci, Fondo Archivio del Partito comunista d'Italia, 1921-43*, fasc. 1440, fl. 5. Depois em P. Spriano, *Gramsci in carcere e il partito*, "l'Unità", Roma 1988, pp. 161/62; agora em *Togliatti editore di Gramsci*, cit., pp. 61-62.

³² Nome de guerra de Palmiro Togliatti. "Esta mudança de nomes era, em muitos aspetos, uma necessidade dos profissionais da política comunista, mas tornava-se também, frequentemente, um disfarce da sua personalidade. Se quiséssemos usar a palavra hoje na moda, mas que no caso corresponde exatamente à substância, diríamos que refletia uma alienação do seu verdadeiro ser: de modo que Palmiro Togliatti, burguês intelectual italiano, pouco tinha a ver com Ercoli, revolucionário de profissão e principal assistente do famoso Dimitrov, que por longos anos permaneceu à frente da Internacional Comunista" (Cf. I. de Feo, *3 anni con Togliatti*, Mursia, Milano 1971, p. 10).

³³ O supracitado *Antonio Gramsci chefe da classe operária* cit.

³⁴ Carta datada de 12 de maio de 1937 de Palmiro Togliatti (Erc.) ao Centro Externo do Partido Comunista da Itália, em *Fondazione Istituto Gramsci, Fondo Archivio del Partito comunista d'Italia, 1921-43*, fasc. 1437, fl. 42, agora em *Togliatti editore di Gramsci* cit., pp. 63-64.

³⁵ O caderno foi publicado em Apêndice ao vol. *Palmiro Togliatti editore di Gramsci*, cit., pp. 235-87.

³⁶ De 20 de novembro de 1926 a primeira, de 28 de janeiro de 1937 a última, ambas destinadas a Giulia.

³⁷ Sobre os acontecimentos relativos à conservação dos escritos gramscianos, cf. G. Vacca, *Togliatti sconosciuto*, em especial o capítulo *Togliatti editore delle "Lettere" e dei "Quaderni del carcere"*, L'Unità, 1994 (Ed. fora de comércio reservada aos leitores e assinantes do L'Unità), pp. 123-169 e Id., *Introduzione a Palmiro Togliatti editore di Gramsci*, em particular as págs. 13-29.

³⁸ V. Atas do responsável pelo arquivo central do Partido do IMEL, em *Togliatti editore di Gramsci* cit., pp. 82-84 e 84-86 e v. também carta de P. Robotti a P. Togliatti, *idem*, pp. 87-92. V. agora, em F. Chiarotto, *Egemonie in movimento*, o cap. *Storia di 33 quaderni. Il recupero dell'eredità gramsciana*, pp. 29-46

³⁹ M. Montagnana, *Gli scritti inediti di Antonio Gramsci*, em "Lo Stato Operaio" (Nova Iorque), II (1942), nn. 3-4, pp. 80-82. Posteriormente publicado de forma parcial em E. Santarelli, *Gramsci ritrovato. 1937-1947*, 1991 cit., pp. 131-37.

⁴⁰ A. Agosti, *Palmiro Togliatti*, Utet, Torino 1996, p. 278.

⁴¹ P. Togliatti, *La politica di unità nazionale dei comunisti* em *Opere, V, 1944 - 1955*, Roma, Editori Riuniti, 1984, p. 8.

⁴² P. Secchia, *Il Partito comunista italiano e la guerra di Liberazione. Ricordi, documenti inediti e testimonianze*, Feltrinelli, Milano, 1975, cf. em especial pp. 389-430. Cf. também G. "Correte, Ercoli è qui", a svolta di Salerno – Futura Umanità (futuraumanita.com), *Manifesto*, 22 de maio de 2024.

⁴³ Ercoli [Palmiro Togliatti], *La politica di Gramsci*, em "l'Unità" (ed. di Napoli), 30 de abril de 1944, p. 3, agora em P. Togliatti, *Scritti su Gramsci*, pp. 91-93.

⁴⁴ P. Togliatti, *L'eredità letteraria di Gramsci*, em "l'Unità" (ed. di Napoli), 30 de abril de 1944, p. 3, agora em P. Togliatti, *Scritti su Gramsci*, cit., pp. 91-93..

⁴⁵ V. Gerratana, *Prefazione a Antonio Gramsci, Quaderni del carcere*, Torino, Einaudi, 1975, p. XXXII, e L. Cortesi, *Palmiro Togliatti, la "svolta di Salerno" e l'eredità gramsciana*, em "Belfagor", 1975, 1, p. 16.

⁴⁶ Cf. F. Chiarotto, *Operazione Gramsci. Alla conquista degli intellettuali nell'Italia del dopoguerra*, Bruno Mondadori, Milano 2011.

⁴⁷ Mauro Scoccimarro (Udine, 1895 – Roma, 1972). Nascido em uma família pequeno-burguesa, foi intervencionista diante da Grande Guerra e, em 1915, partiu como voluntário para o fronte. Em 1917, ainda no fronte, solicitou a inscrição na seção socialista de Udine. Dispensado em 1919, retornou a Udine, onde exerceu atividade política primeiro como secretário da seção socialista da cidade, depois como secretário da federação



provincial friulana e diretor do seu órgão semanal “Il Lavoratore friulano”. Na cisão de Livorno, aderiu ao PCd’I, contribuindo, nos meses seguintes, para a organização da federação provincial comunista. Em 1922, formou-se em Ciências Econômicas e Jurídicas em Veneza. No mesmo ano, iniciou a colaboração com Gramsci na redação de “L’Ordine nuovo” e mudou-se para Turim. Enviado como representante do PCd’I a Paris em outubro de 1922 ao II congresso do PCF, foi detido pela polícia francesa, que o expulsou do país; retornou à Itália e partiu para a URSS, tendo sido incluído na delegação do PCd’I ao IV congresso da Internacional Comunista (IC). Após uma breve estadia na pátria, onde viveu na clandestinidade, em 1923 foi cooptado para o Comitê Central e para o Comitê Executivo do partido e partiu novamente para Moscou. Em 1924, foi nomeado secretário organizacional do partido e, em 1925, contribuiu para a organização clandestina do mesmo. Em novembro de 1926, foi preso em Milão e confinado na ilha de Favignana por 5 anos. Em janeiro de 1927, foi condenado pelo Tribunal Especial para a Defesa do Estado a 20 anos, 4 meses e 5 dias de detenção. Cumpriu parte da pena nas prisões de Pádua e Civitavecchia e, libertado em 1937, foi enviado ao confinamento em Ponza e depois em Ventotene, onde permaneceu até a queda do regime. Membro da Consulta e deputado da Assembleia Constituinte, entre 1948 e 1953 foi senador de direito. Ocupou, dentro do Partido, cargos de grande relevância até sua morte.

⁴⁸ M. Scoccimarro, *Commemorazione di Antonio Gramsci*. (Comemoração de Antonio Gramsci. Intervenção na Assembleia Constituinte. Sessão de 28 de abril de 1947), em “Atti della Assemblée Costituente”, Tip. della Camera dei deputati, Roma 1947, pp. 3332-34.

⁴⁹ Certamente é verdade que muitas cartas ainda não estavam, em 1947, em posse de Togliatti e do Partido por variadas razões: desde a resistência dos familiares até o não rastreamento de muitos textos, passando pela necessidade de proteger pessoas ainda vivas; assim como é igualmente verdade que muitas passagens de epístolas com referências a Bordiga, Trotsky, Rosa Luxemburgo e outros “heréticos” do Partido Bolchevique ou de todo o movimento comunista foram submetidas a uma intervenção censória “interna à cultura do stalinismo”: as cartas publicadas foram, nesta primeira edição, 218, às quais se somaram, na segunda edição subsequente, 428 textos, dos quais 119 inéditos. A última edição das *Cartas do cárcere*, organizada por F. Giasi e publicada pela Einaudi em 2020, compreende 511 cartas, sendo 12 inéditas.

⁵⁰ As *Cartas* alcançaram a quarta reimpressão em um ano e, em junho de 1949, a tiragem chegaria a cerca de 45.000 cópias.

⁵¹ A. Gramsci, *Lettere dal carcere*, organizada por S. Caprioglio e E. Fubini, Torino, Einaudi 1965.

⁵² Croce também se ocupa de Gramsci em outro artigo: *Quando a Itália era dividida em duas* (setembro de 1943 – junho de 1944), no qual o filósofo *abruzzese* recorda uma visita sua à redação de “L’Ordine Nuovo”, “a Turim por volta de 1920”, o grupo de jovens da Universidade, “e o Gramsci que ali se destacava”, e Gobetti. Em “Quaderni della Critica”, III (1947), n. 8, pp. 292-93.

⁵³ Carlo Salsa (Milano 1863 – Milano, 1962), jornalista, escritor e roteirista. Foi também diretor-geral da SIAE [Sociedade Italiana de Autores e Editores]. Seu livro *Trincee. Confidenze di un fante* [Trincheiras. Confidências de um soldado de infantaria], Sonzogno, Milano 1924 (última edição Mursia, Milano 2007), é uma das mais bem-sucedidas reconstruções narrativas da experiência da Grande Guerra.

⁵⁴ Alberto Colantuoni (Trieste, 1880 – Milão, 1959), escritor, inclusive de teatro dialetal, e diretor de companhia teatral.

⁵⁵ F. Chiarotto, *Tra Gramsci e Togliatti* cit, em especial o cap. *Il Viareggio alle lettere di Gramsci. Un “dovere di diffusione”*, pp. 47-73.

⁵⁶ V. G. Turi, *Il rapporto privilegiato col Pci*, em *Casa Einaudi. Libri uomini idee oltre il fascismo*, il Mulino, Bologna 1990, pp. 195-208.

⁵⁷ C. Severini, *Colloquio con Giulio Einaudi*, Einaudi, Torino 2018, p. 58.

⁵⁸ Cfr. L. Mangoni, *Pensare i libri. La casa editrice Einaudi dagli anni trenta agli anni sessanta*, Bollati Boringhieri, Torino 1999, pp. 212 sgg.

⁵⁹ Fondazione Istituto Gramsci, Fondo Istituto Gramsci, b. 10, “Corrispondenza anni Cinquanta”, agora em *Togliatti editore di Gramsci* cit., pp. 73-74).

⁶⁰ Cfr. Appunti riservati della segreteria del PCI, Fondazione Istituto Gramsci, Archivio del Partito comunista italiano, Archivio Mosca, Segreteria, Verbali, mf. 271.

⁶¹ Carta de Togliatti e Platone de 7 de junho de 1945, Arquivo de Estado de Turim, *Fondo Giulio Einaudi editore, Corrispondenza con autori e collaboratori italiani*, b. 162, fasc. 2449, “Felice Platone”, agora reproduzido em *Togliatti editore di Gramsci* cit., pp. 74-75.



⁶² G. Turi, *Casa Einaudi* cit., p. 196.

⁶³ Segundo a reconstrução de Mangoni, o PCI estava particularmente atento às coleções de atualidades, à Coleção Marxista, aos livros soviéticos e aos volumes que “difundissem na cultura italiana a produção narrativa e propagandística soviética, sobretudo nos anos da guerra” (L. Mangoni, *Pensare i libri* cit., p. 326).

⁶⁴ Em 3 de abril de 1947, Einaudi escrevia a Giolitti para instá-lo a combinar com a direção do PCI o lançamento publicitário das *Cartas*, a ser coordenado de forma inteligente com o aniversário da morte de Gramsci (v. L. Mangoni, *Pensare i libri* cit., p. 349).

⁶⁵ G. Vacca, *Appuntamenti con Gramsci. Introduzione allo studio dei Quaderni del carcere*, Carocci, Roma 1999, p. 254.

⁶⁶ Como demonstra também o subtítulo do primeiro *Relatório sobre os cadernos* de Platone: *Para uma história dos intelectuais italianos*, cit.

⁶⁷ Idem, pp. 68-69.

⁶⁸ Em 1948, foi publicado o primeiro dos chamados *Cadernos* “temáticos”, editado por Felice Platone: *O materialismo histórico e a filosofia de Benedetto Croce*; em 1949, saíram o volume sobre *Os Intelectuais e a organização da cultura*, o volume sobre Maquiavel e sobre a Unificação. Em 1950, sai *Literatura e vida nacional* e, em 1951, o último dos seis volumes, intitulado *Passado e Presente*).

⁶⁹ R. Mordenti, “*Quaderni dal carcere di Antonio Gramsci*”, em *Letteratura italiana Einaudi. Le Opere*, vol. iv/ii, organização de A. Asor Rosa, Einaudi, Torino 1996, p. 80.